

Pedro Vieira

O Que Não Pode Ser Salvo

tell me that yr burning for me
tell me that you can't afford me
time to tell yr dirty story
sonic youth

para o Francisco, menino-sol



FACTO: NO DIA EM QUE LEVOU O PAI A ENTERRAR, Janine deu-se conta do ridículo da morte, do estar e já não estar num piscar de olhos, dos protocolos e das obrigações, do cheiro insuportável a flores e a trapos pretos tirados à pressa do armário, e a cera derretida na nave central da capela de granito e frio, e ao final do dia o relembrar da saraivada de comentários, remoques, conselhos que sempre compõem um dia de finados

«Olha, tantas velas, pensava que já só se usavam lâmpadas, para não estragar»

«Toma conta da tua mãe, filha»

«Pronto, ao menos não sofreu»

«Deus me perdoe, mas nunca fui muito à bola com ele, nunca o vi pagar um copo a ninguém»

«Vê lá não deixes o teu irmão ficar triste»

«Tem de ter muita força»

«É a lei da vida, filha, estranho é ver um pai ou uma mãe a enterrar as crias»

Antes de enfrentar a noite em claro, recorda o chorar porque, o sofrer porque, a empatia de plástico daquelas mulheres que não conhece e que lhe seguram a mão com dó de um lado e curiosidade cega do outro, ceifeiras do sentimento alheio, mais a ironia estúpida que é despedirmo-nos de quem já não nos pode

ouvir, quando dizes adeus é suposto que alguém te responda, que alguém te acene de volta, que te deixem uma ponte para o futuro, tantas frases por dizer, um adeus, um comentário ao fato de nylon que escolhemos para enfeitar-te a ti, defunto e falho de vaidade, uma dúvida filosófica, um remoque pelo facto de não nos termos lembrado de engraxar os sapatos que agora ficarão sempre a apontar para o céu, se fosse vivo nunca o permitiria, eis morto e quedo um homem feito de muito brio e asseio, a sério, quando dizes adeus é suposto que alguém emita um som, um assobio, qualquer coisa diferente daquele roçar das pás na terra e nas pedras, clang, trastes que só atrapalham o labor dos homens da Junta que só conhecem suor, poeira e morte, clang, santíssima trindade de quem tem por profissão acomodar gente entre os torrões e o esquecimento e os farrapos de enterros anteriores, e um par de dias antes Janine questionara

«Mãe, porque é que vamos levá-lo para tão longe?»

«Já te disse que o pai vai para a mesma campa que a avó»

«Para a campa da avó porquê? E para aquele sítio porquê?»

«Sabes bem que era para lá que ele gostava de ir descansar»

«Descansar não é o mesmo que morrer, mãe, que ideia é essa enterrar o pai tão longe? Faz algum sentido?»

«Deixa, que vais ficar bem perto dele»

«Bem perto dele, o que é que queres dizer?»

«Temos de ir viver para lá, Janine»

De regresso à terra revolta: temos o que sobra de uns *col-lants* que o solo não come, solo fértil em bichos que estão lá mas não se vêem, exactamente como quando se está doente, o corpo uma madeira que se desfaz em pedacinhos, mais um daqueles ossos enormes, daqueles da perna, duros de roer até pela eternidade, e passados tantos anos, depois de tantas saudades lançadas memória abaixo, a avó Rosa ainda dura, como se não pudesse

despedir-se de vez deste mundo, tal como António irá durar na cabeça de quem o entrega à campa, rasa por vontade do próprio, o que só poderá dar em falatório, que gente é esta que nem um arranjo de mármore lhe faz, o costume em terras de fel e azedume, António que vai ficar marcado por muito tempo na memória de Janine, de Maria de Fátima, de Dominique, outra trindade, como a conta que Deus fez nas nossas costas, nove fora nada, e diz-se marcado como se tivesse oferecido o ombro de bandeja àquelas vacinas da BCG que se davam no antigamente, fabricadas de maneira a prevenir a doença e a garantir a fealdade da picada, a cicatriz de uma geração, habituada a dar o corpo a alma o conforto ao manifesto, eis Janine que vem despedir-se de António na companhia dos seus e de tantos outros a quem nunca pôs a vista em cima sabendo que o pai vai estar sempre lá, para o bem e para o mal, do lado do bem o António carinhoso, obstinado, com vontade de aprender e muito medo de embrutecer, vacinado contra a tuberculose e contra o resto. Do lado do mal o António que se deixou levar antes dos 60 anos, como se de um dia para o outro tivesse pensado «já chega», como se tivesse aplicado um ponto final à vida sem perguntar a opinião a ninguém, aos filhos à mulher à concierge lá do prédio, metade do Seine-Saint-Denis com a boca aberta de espanto e pavor, não se faz, um lutador não se deixa escorregar pelas cordas do ringue do pé para morte, não se faz, homem que é homem não se desfaz dos seus por omissão, é falta de decoro, falta de senso, até porque debaixo destas pazadas de terra não há ninguém para mimar, para cuidar, não há sequer ninguém com quem falar, os fémures, os nylons, mudos que nem charlots naquela tela do cinema ambulante que vai não volta fazia o milagre de aterrar na vila. Pouco importa.

Uma pá e outra seguida de outra, segundos depois de se convidar cada um dos presentes a lançar a sua mão-cheiinha de

pó por cima das tábuas, enquanto se aproveita para limpar o suor da testa com o braço, é maio e faz tanto calor, tempo de cerejas e de urnas de importar, uma bênção, os homens da Junta não terem de cumprir os protocolos e as obrigações no trajar, de que lado se põe o talher, de que bordo se poisam a pá e a gada-nha, camisolas brancas de alças e calças de servente que são toda uma paleta de fazer inveja a outros artistas, para quem é roupa de feira basta, que o negro está cortado à medida da família, de um ou outro amigo, dos cachos de mirones, anónimos, retintos e comunicantes como formigas, dir-se-á que o alfaiate das despedidas sempre teve bom gosto, com um adeus em preto eu nunca me comprometo, mesmo sem o glamour de um Père Lachaise, sem sequer um jazigo guardado por anjos de pedra daqueles que até dá gosto fotografar, onde é que já se viu um cemitério pares-des-meias com um campo de jogos e com aquela tensão no falar com que Janine retoma o diálogo entre soluços

«Não quero vir para cá, mãe»

«Era o que o teu pai queria»

«Mas já não basta o desgosto, mãe?»

«Era o que o teu pai queria, não respeitas a memória do teu pai?»

«Mas»

«Não há mas nem meio mas, lá não podemos ficar porque a pensão do pai não chega para a renda e aqui ao menos temos onde acomodar-nos, e até podes arranjar um trabalho, tens estudos»

«Tem de ter paciência, menina, a vida é mesmo assim»

«E o seu irmão, olhe que ele precisa muito de si»

«Vai ver que se habitua, aqui também há coisas que sim senhor, ele há coisa mais linda do que uma chega de bois, cada um a bufar para seu lado, menina?»

Um diálogo interrompido pelo cumprir dos protocolos, ouvir as mulheres que a cercam, que a abafam com o mofo das roupas,

o hálito a vidas cheias de nada, o talento para se ser traste, inconveniente, neste cenário de luto com balizas em fundo, eis um campo de jogos onde é fácil errar um remate travestido de cautchú, de um lado a estrada onde passam os carros, as lambretas com homens a cavalo, alguns (poucos) animais de tracção aos quais se enfeitavam os cornos em dias de festa, do outro a morada do eterno repouso cercada de muros por cair, e que sucede quando se falha o pontapé e se acerta com a bola numa cruz, numa jarra preta de flores murchas, numa esperança cortada cerce, isso conta como golo, conta como golo ou não?

Facto: do lado de dentro do muro nunca ninguém responde.

SER-SE ESTRANGEIRO NUMA TERRA QUE É A SUA, recapitular, ser-se estrangeiro numa terra que lhe pertence, de papel passado e tudo, visto, revisto, carimbado, pago a peso de euro, à época a peso de franco, moeda forte, daquelas que se desejam à distância de uma saída a salto e de uns milhares de quilómetros na caixa de uma furgoneta, num piscar de olhos já lá estás, de mãos dadas com os que acompanham o movimento de saída, para trabalhar, assentar, ter filhos que queiram ser dos nossos, quem sabe voltar com algumas notas no bolso e uma casa de sonho nos olhos, isso de buscar consolo numa pilha de tijolos bem encavalitados fez escola, da primária à universidade da ausência. Dois minutos antes do presente: Janine cresce entre os seus, entre os portugueses, entre os franceses, entre os das ex-colónias, das ex-colónias deles, Argélia Mali Costa do Marfim, nomes de terras para todos os gostos, Djibouti Chade Benim, como se fora uma cantilena, Marrocos Senegal Mauritânia e Guiné

«Pensava que a Guiné era nossa»

«Nossa de quem?»

«Dos portugueses»

«E tu és portuguesa, Janine?»

«Então, pois, sou, não sei. Putain, estás a baralhar-me, papá»

«Se a tua mãe te ouviu pôe-te pimenta na língua. Bissau diz-te alguma coisa?»

«Bissau?»

«Guiné-Bissau»

«Ah, percebi. Há mais do que uma Guiné, é isso?»

«Voilà»

«Não sabes responder a nada sem rodeios?»

«Pensava que as francesas gostavam de charadas, de bêtises»

«As francesas?»

«Pois»

«Como eu?»

«Como tu»

fora de cena a cascata de panelas e tampas, o arrastar das cadeiras, os talheres manipulados sem cuidado como quem quer fazer barulho e dizer «estou aqui», como quem quer gritar «cozinheiro logo existo», sinfonia dos utensílios, em cada travessa um berlioz, fala Maria de Fátima

«Vejam lá se acabam com o paleio, o jantar está na mesa»

«Vai lavar as mãos, anda, que a generala está a chamar»

«Não chames isso à mãe»

«Julgava que as francesas...»

Beliscão

Janine entre os seus e entre todos, António que é pai, Fátima que é mãe, mais o Dominique, irmanados de sangue, divorciados de alma, mais a comunidade que os enlaça e que por vezes os estranha, aquele vizinho que ganha a vida desde manhã cedo a acartar halal de uns talhos para os outros, de umas goelas para as outras, com tanto sangue só pode ter a bata abençoada, chiste de Janine que Aleser não compreende, limita-se a olhar desconfiado e a sibilar um «quoi?», e segue o seu caminho antes que o pai-talhante o venha buscar por uma orelha, mais

outros vizinhos que se fizeram gente ao mesmo tempo que ela, colegas de escola, de rua, de bairro, deixados pelo caminho alguns, alforriados para a vida tantos outros, e ainda os velhos que se passeiam de olhar poisado lá atrás, no passado doce das tâmaras, do calor, dos burros albardados, da memória criteriosamente selectiva que embeleza vidas de adobe, enfim, acontece aos melhores, acontece a toda a gente, e também algumas mulheres de olhos ariscos, cabeças e esperanças cobertas, e não esqueçamos as crianças, dúzias delas, crianças e jovens, porque daqui não se vê a montanha da Europa envelhecida, com o futuro algaliado, como dizia o mestre de geografia que fazia tudo para ser popular entre os instruendos

«Essa palavra existe em francês, papá?»

«Lembras-te de cada coisa. Mais uma garfada, senão a mãe zanga-se»

«Ó António, até parece que eu»

«E na Guiné, haverá instruendos?»

risos

e a Sarah, claro, amiga do peito, como se diz na terra delas (qual?), confidente, unha com carne, a irmã que nunca teve, filha de porteira e de senhor das obras, se lhe perguntam como se chama carrega no erre e vale-se do agá mudo, atira-o às ventas de quem interroga, consoante muda, plim, bilhete de identidade conforme, plim, era o que faltava, virem falar-lhe n'*A Portuguesa*, nas armas e nos barões assinalados, no bacalhau e no nobre povo, só se for aquele que se passeia entre a Étoile e a Concorde, com dinheiro para gastar, e peles e brilhantes, e fleuma para mostrar aos basbaques e aos turistas, aos migrantes dos arredores e aos empregados de mesa de nez torcido, aos condutores parados no trânsito que apitam até que o céu lhes caia em cima da cabeça, por toutatis, Sarah que desafia

«No fim-de-semana vamos a Paris, Janine?»

«Mas tu vives em Paris, Sarah»

«Não te ponhas com esses jogos como o teu pai. Vamos ou não?»

«Tenho de pedir um adiantamento lá em casa, mas, sim, quero ir»

«Levas-me a ver os gajos do Boulevard Saint Michel? Também podem ser do Saint Germain»

«És tão parva»

«Vais-me dizer que não gostavas de uma boa bague...»

«Sarah»

«Sim?»

«Estás a variar. Amanhã ligo-te para combinarmos»

«A menina é que sabe»

a menina é que vive, a menina é que sente, tão pouco tempo antes de levar o pai à última morada, maneira doce de se dizer aquilo que dói, Janine põe os olhos verdes no vidro da janela e respira fundo, sabe que há uma oportunidade de trabalho ao virar da esquina, só falta dizer que oui e rubricar as páginas do contrato, o resto, a universidade, os estudos, poderão vir depois, quando se é jovem o futuro é tão longo e por galgar, ela sabe que o destino a Deus pertence e também sabe que os dois terão de ser convencidos, Fátima e António, não necessariamente por esta ordem, e sobretudo tem a certeza de que a vida não acaba em Saint-Denis, apesar de por lá se terem feito as exéquias a muitos reis da França, o que até tem piada, LOL, como se diz por aí, os pais, os filhos, os netos e bisnetos da pátria da flor-de-lis encafuados entre tanta gente nascida muito longe do hexágono, os portugueses ainda é o menos, Argélia Mali Costa do Marfim, podia dar uma cantilena, Djibouti Chade, «como é que era, papá?», António era homem para apreciar durante muitos anos esta ironia, não fosse dar-se o caso de já não poder saborear nada do que se passa do lado de cá. A maldita terra lançada pelas pás insiste em abafar todos os paladares.